

DESINDUSTRIALIZAÇÃO E REPRIMARIZAÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES E SUAS RAÍZES NO SUBDESENVOLVIMENTO – UM ESTUDO SOBRE O BRASIL E O ESTADO DE GOIÁS

Rafaela Carolina Lopes¹

Marcelo José Moreira²

¹ Mestranda em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada no curso de Ciências Econômicas do Câmpus Anápolis de CSEH/UEG. Bolsista do Programa PIQS/IFG.

² Doutor em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo:

A partir dos anos 1930, o processo de industrialização se intensificou no Brasil. Já no estado de Goiás, o desenvolvimento do setor industrial se deu ainda mais tardiamente, na década de 1970, com o processo de desconcentração industrial do Sudeste. Discute-se que, desde a década de 1990, a economia brasileira esteja vivenciando um processo de desindustrialização aliado ao fenômeno de reprimarização de sua pauta de exportações. O conceito de desindustrialização adotado neste estudo se refere à perda de participação da indústria de transformação no Produto Interno Bruto e Valor Adicionado e à redução do emprego industrial no emprego total. Já a reprimarização consiste na perda de qualidade tecnológica na pauta de exportações de um país ou região. Com o intuito de verificar a ocorrência dos dois fenômenos na economia brasileira e também na economia goiana foram realizadas revisões bibliográficas e o levantamento de dados em bancos estatísticos de diversas instituições, para posterior tratamento dos dados e análise a partir do enfoque histórico-estrutural, adotado no trabalho. A economia brasileira vem sendo afetada por um processo de desindustrialização precoce, associado à doença holandesa, resultante do aumento das exportações de produtos básicos e do ciclo de valorização dos preços das *commodities* no mercado internacional. No caso de Goiás, com base nas evidências apresentadas não é possível inferir que esteja ocorrendo o fenômeno da desindustrialização no período estudado e no que se refere à pauta de exportações goiana, não chegou a se alterar de maneira significativa ao longo de sua história para que possa se falar em reprimarização.

Palavras-chave: Economia Brasileira. Economia Goiana. Subdesenvolvimento. Desindustrialização. Reprimarização da Pauta de Exportações.

Introdução

O processo histórico de formação do Brasil contribui para o entendimento de sua realidade política e econômica mais recente. A estrutura da economia brasileira foi constituída voltada para o mercado externo, prejudicando sua consolidação interna, o que resultou em uma industrialização tardia do país. Esse quadro político-econômico acarretou uma situação de dependência em relação aos países desenvolvidos, característica fundamental de um país subdesenvolvido. A partir da década de 1930 se intensificou o processo de industrialização no Brasil, mas não se pode afirmar que houve um rompimento com o modelo de

desenvolvimento baseado em uma pauta de exportações de produtos primários. Desde a década de 1990, os índices da produção industrial brasileira estão sofrendo constante redução, enquanto o país tem exportado cada vez mais produtos primários em termos absolutos. Sobretudo, com a abertura do mercado e a liberalização comercial engendradas a partir do Governo Collor.

Assistiu-se gradativamente a um retrocesso no que importantes pensadores, como Furtado (1965) e Prebisch (1949), consideravam o meio de superação do subdesenvolvimento – a industrialização. Recentemente, tem sido discutida a possibilidade da existência de dois fenômenos que atuam de maneira conjugada na economia brasileira: a desindustrialização e a reprimarização da pauta de exportações.

A relevância do estado de Goiás no cenário nacional vem crescendo nos últimos anos. Sua integração na economia do país se deu, de certo modo, tardiamente, mas a partir dos anos 2000, a participação de Goiás no PIB nacional tem se elevado de modo satisfatório. Isso decorre do desenvolvimento da atividade agropecuária e do processo de especialização industrial, como o avanço da agroindústria.

Assim, tem-se como objetivo geral do presente estudo investigar a desindustrialização e reprimarização como fenômenos conjugados do subdesenvolvimento brasileiro recente, com vistas a responder se ambos se manifestaram no período de 2000 a 2014, e o papel do estado de Goiás neste cenário. Buscar-se-á discutir o conceito de desenvolvimento econômico com base no pensamento estruturalista, apresentando as características fundamentais das estruturas econômicas subdesenvolvidas, focando no caso brasileiro. A discussão envolve ainda o significado dos termos “desindustrialização” e “reprimarização” e a busca por evidências empíricas da ocorrência desses dois fenômenos na economia brasileira e, de modo específico, no estado de Goiás.

Referencial Teórico

O termo desindustrialização surge na literatura econômica na perspectiva de explicar a mudança setorial do emprego em favor do setor de serviços no decorrer do desenvolvimento das economias centrais, vivenciada a partir da década de 1970. É importante deixar claro que a desindustrialização não necessariamente se constitui como fenômeno negativo quanto aos seus efeitos sobre a sustentação do crescimento econômico no longo prazo e o padrão de vida da população (SOUZA, 2009).

Cano (2012) afirma que existem dois tipos de desindustrialização: a desindustrialização positiva, própria de países desenvolvidos, e a desindustrialização precoce ou negativa, um fenômeno que tem surgido nos países subdesenvolvidos a partir da década de 1990. Tregenna (2009) conceitua desindustrialização como sendo uma situação em que tanto o emprego industrial como o valor adicionado da indústria se reduzem como proporção do emprego total e do PIB, respectivamente. O conceito de Tregenna (2009) foi adotado para a realização da análise empírica do presente trabalho.

A partir dos anos 2000, a pauta de exportações brasileira tem se tornado cada vez mais especializada em *commodities* (agrícolas, minerais e energéticas). A elevação da demanda por esses produtos no mercado internacional propiciou um cenário favorável para o comércio exterior do país. Contudo, esse aumento das exportações, não obstante a manutenção do câmbio apreciado, sugere que o país esteja enfrentando a doença holandesa (BRESSER-PEREIRA, 2008). Embora a produção industrial possa continuar a aumentar, observa-se uma queda na participação da indústria no PIB e na pauta de exportações. Considerando a abundância de recursos naturais, a produção de *commodities* ocorre a custos muito baixos, gerando rendas ricardianas. Neste trabalho, discutiu-se a ocorrência do fenômeno da reprimarização enquanto perda de qualidade tecnológica na pauta de exportações nacional.

A integração da economia goiana no cenário nacional se deu tardiamente. Foram necessárias algumas décadas para que Goiás se consolidasse como peça importante em nível regional e nacional. O estado tem adquirido cada vez mais relevância no cenário nacional. A partir nos anos 2000, sobretudo, seu desempenho tem superado o da economia brasileira, impulsionado pelo crescimento do dinamismo do comércio, da indústria de transformação e do setor de serviços. A indústria goiana ainda se encontra concentrada em segmentos da cadeia produtiva agropecuária. E sua pauta de exportações ainda é majoritariamente composta por produtos primários.

Metodologia

O método utilizado para análise é o enfoque histórico-estrutural, que, traduzido no pensamento cepalino, é edificado por três conceitos fundamentais: sistema, estrutura e processo e consiste numa contraposição ao princípio universalista subjacente às teorias convencionais do desenvolvimento (SANTOS, 2011). E é a partir deste enfoque que o

presente estudo se delinea, buscando responder a indagação fundamental, que consiste na ocorrência da reprimarização e da desindustrialização na economia brasileira recente enquanto fenômenos de seu subdesenvolvimento, a partir do entendimento da própria realidade periférica. Ademais, buscou-se investigar o caso particular do estado de Goiás no que se refere à manifestação dos dois fenômenos.

Para a elaboração de evidências empíricas, que corroborem as formulações teóricas apresentadas, foram realizadas análises de dados de instituições, tais como: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC); Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE); Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) e Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS); e Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás (SEGPLAN); Instituto Mauro Borges (IMB).

O plano geral de pensamento do estudo consiste em um problema real, a partir do qual a presente proposta de trabalho foi estimulada; uma origem teórica, da qual partem as formulações do estudo; uma base teórica capaz de elucidar os problemas apontados através de meios que possibilitariam alcançar o objetivo final, apresentado como o desenvolvimento econômico.

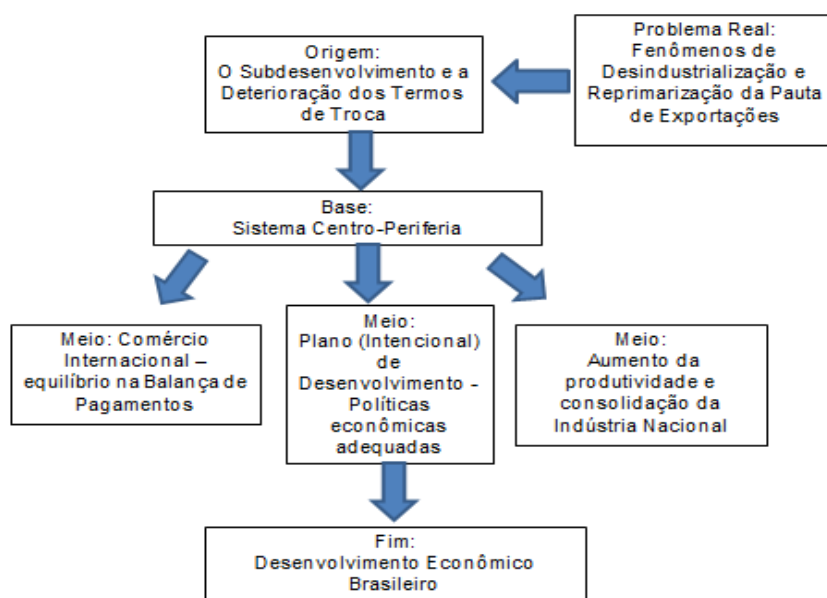


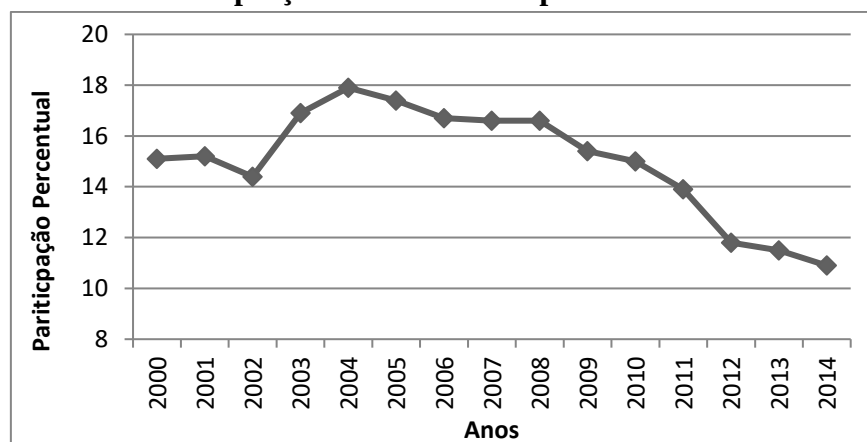
Figura 01. Plano Geral de Pensamento do Estudo

Baseado no esquema elaborado por Couto (2007)

Resultados e Discussões

Partindo do conceito de Tregenna (2009) para desindustrialização, analisou-se a participação do valor adicionado da indústria de transformação no PIB a preço de mercado da economia brasileira no período de 2000 a 2014. Verificou-se uma tendência decrescente, sobretudo a partir de 2004. Ao analisar o gráfico 01, verifica-se que a indústria de transformação brasileira apresenta uma trajetória decrescente na participação do PIB no período em questão. Esse comportamento da indústria é o que se convencionou chamar curva de “U” invertido. A priori, a agricultura apresenta participação elevada no valor adicionado, mas com o passar do tempo, perde espaço para a indústria, cuja participação aumenta. Posteriormente, o setor de serviços cresce e passa a responder pela maior participação tanto no PIB quanto no emprego total. A participação da Indústria de Transformação no PIB, em 2004 era de 17,9% e em 2014 chegou a 10,9%, esses foram os pontos de máximo e mínimo do período estudado. A participação da indústria de transformação no PIB sofreu uma queda de 27,8% de 2000 para 2014. Esses valores, observados no gráfico 01, expressam uma perda de representatividade significativa da indústria de transformação no país no período analisado.

Gráfico 01. Brasil - Participação (%) da Indústria de Transformação (IT) no Produto Interno Bruto a preços de mercado no período de 2000 a 2014



Fonte: IBGE – Contas Nacionais. Elaboração própria.

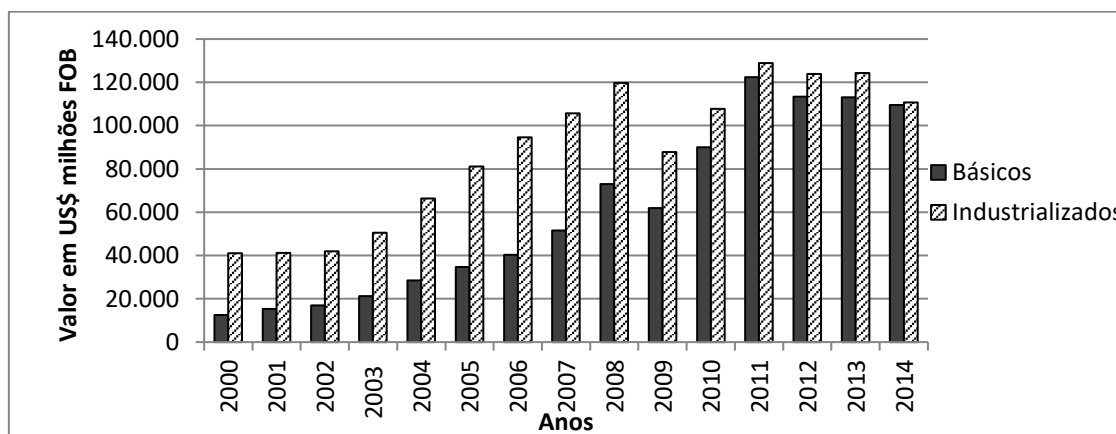
Em relação à participação da Indústria de Transformação no emprego total, deparou-se com um comportamento mais difuso, apresentando oscilações durante o período analisado. O gráfico 02 apresenta uma tendência decrescente entre 2000 e 2003, seguido de um aumento significativo em 2004 e posteriores períodos de quedas. A perda de participação da indústria de transformação se deu de maneira mais nítida entre 2010 e 2014. Houve uma

redução de 7,88% nesse período. De um modo geral, analisando todo o período em questão, a participação da indústria de transformação no emprego industrial sofreu queda de 11,5%.

A indústria de transformação apresenta elevada produtividade, e isso ocasiona a liberação de mão de obra não qualificada, absorvida pela indústria de serviços, dotada de baixa produtividade do trabalho. Contudo, partindo dos conceitos apresentados, entende-se que a economia brasileira não se encontra em estágio de desenvolvimento avançado para que esse deslocamento ocorra. Isto é, o total do emprego da indústria de transformação no Brasil é menor do que deveria ser quando se analisa pela ótica da renda per capita. O país ainda deveria ter um contingente maciço de mão de obra industrial empregada, a fim de que a indústria possa desencadear os efeitos propulsores necessários para o desenvolvimento econômico.

Ao analisar os níveis de exportação da economia brasileira para produtos industrializados e produtos básicos, o que se verifica é que ambos tiveram um comportamento crescente entre 2000 e 2008, mas para os produtos industrializados os níveis eram superiores. Em 2009 houve uma queda significativa no valor da exportação de produtos industrializados e uma queda mais suave no mesmo índice para os produtos básicos. A partir de 2010, percebe-se uma tendência de equiparação no volume de exportações dos produtos básicos e industrializados, quase chegando à igualdade em 2014.

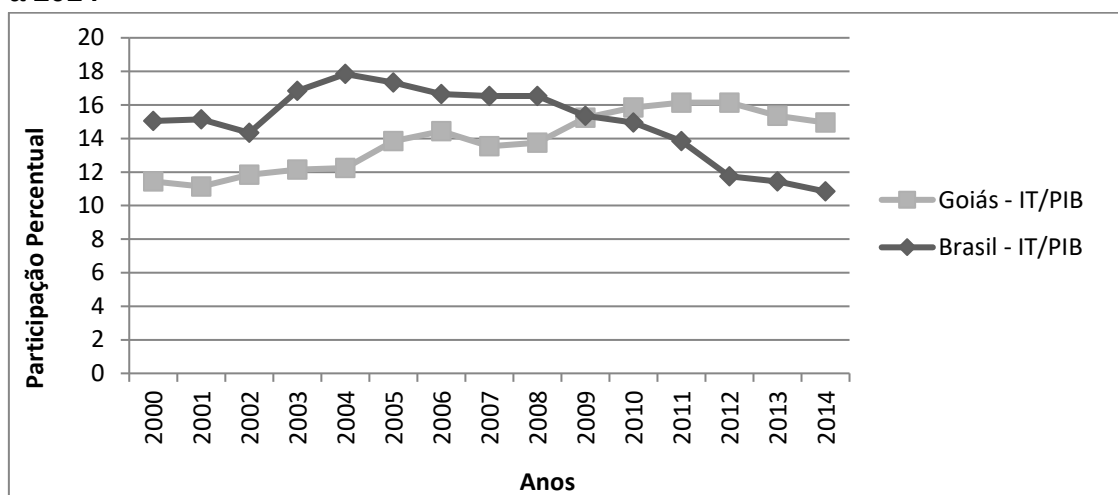
Gráfico 02. Brasil - Exportação por Fator Agregado (em US\$ milhões FOB) no período de 2000 a 2014



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) – Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Elaboração Própria.

O presente trabalho também realizou um recorte espacial, em que buscou-se analisar o caso do estado de Goiás no que se refere a esses dois fenômenos. A participação do emprego industrial no emprego total em Goiás apresenta comportamento de certo modo constante, oscilando menos que a participação em termos de Brasil. Ao comparar a evolução da indústria de transformação brasileira e goiana no PIB de 2000 a 2014, verifica-se que Goiás se encontra em situação vantajosa em relação ao cenário nacional. Entre 2000 e 2006, a participação da IT no PIB de Goiás apresentou comportamento ascendente, crescendo 26,08%. Analisando todo o período, observa-se um crescimento de 26,95% de 2000 para 2014. Essa elevação se deu, principalmente, devido aos incentivos fiscais concedidos no âmbito dos programas implementados pelo estado.

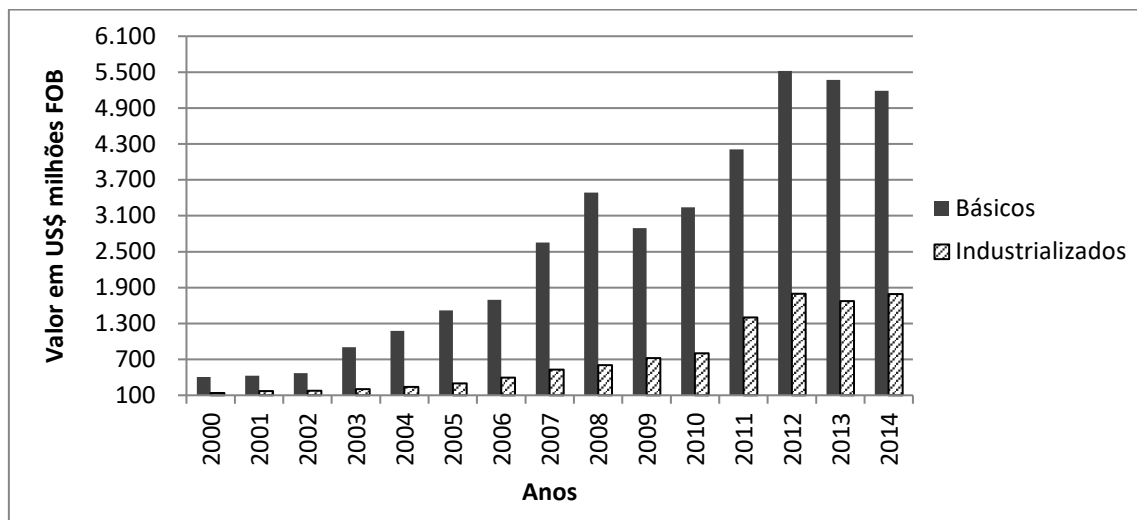
Gráfico 3. Brasil e Goiás – Evolução da Participação (%) da Indústria de Transformação (IT) no Produto Interno Bruto a preços de mercado, no período de 2000 a 2014



.Fonte: IBGE - Contas Nacionais/IMB - BDE. Elaboração própria.

Quanto à análise da reprimarização da pauta de exportações de Goiás, tendo em vista as características estruturais e históricas do estado de Goiás, com a perpetuação da concentração de sua economia na produção de *commodities* para o mercado externo, não é possível afirmar que há o fenômeno da reprimarização em Goiás. Na verdade, sua pauta de exportações não chegou a se alterar de maneira significativa ao longo de sua história para que pudesse se falar em reprimarização. O que se pode afirmar é que ainda em períodos atuais (2000-2014), a economia goiana é substancialmente primária em sua pauta de exportações, como pode ser observado no gráfico 04.

Gráfico 04. Goiás - Exportação por Fator Agregado (em US\$ milhões FOB) no período de 2000 a 2014



Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) – Secretaria de Comércio Exterior (SECEX). Elaboração Própria.

O estado de Goiás foge ao movimento da tendência nacional, uma vez que houve aumento do volume de exportações de produtos industriais, a indústria de transformação cresceu, sobretudo, a indústria farmacêutica, química, de alimentos e bebidas. Mas, a maior parcela de exportações ainda está concentrada nos produtos primários.

Conclusão

O Brasil alcançou, no decorrer de sua história, um nível razoável de industrialização. Contudo, se mostrou incapaz de sustentar a existência de um processo dinâmico de consolidação do setor industrial. A discussão em torno da desindustrialização e reprimarização da economia brasileira tem alertado sobre a importância da indústria de transformação a longo prazo para o desenvolvimento do país e sobre as mudanças no comércio internacional, com o aumento das exportações dos bens primários e importação dos bens industrializados.

O processo de desindustrialização brasileiro é considerado precoce/negativo, uma vez que se iniciou em um nível de renda per capita inferior àquele observado nos países desenvolvidos. Portanto, pode-se inferir que no período de estudo (2000-20014), a economia brasileira vem sendo acometida por um processo de desindustrialização, evidenciado pela

perda de participação do valor adicionado da indústria de transformação na composição do PIB do país e do emprego da indústria de transformação no emprego total.

As políticas macroeconômicas adotadas no âmbito da abertura comercial e liberalização financeira, advindas da investida neoliberal na década de 1990, têm peso significativo na ocorrência desse fenômeno. A sobreapreciação crônica da taxa de câmbio conduz à constituição de um cenário nocivo para a indústria nacional à medida que favorece a entrada de produtos industrializados estrangeiros no mercado nacional, que competem de forma desigual com os produtos domésticos. Decorre disso, uma elevação substancial do volume de importação dos produtos industrializados.

Aliado à desindustrialização, o Brasil vivencia a reprimarização de sua pauta de exportações, tendo em vista ser um país rico de bens intensivos em recursos naturais, que em um período mais recente, nos anos 2000, devido ao aumento dos preços internacionais das *commodities*, tem sido impulsionado a se dedicar à exportação de produtos primários.

Embora o Brasil tenha ampliado e diversificado seu comércio exterior, os dados apresentados revelam perda gradativa de intensidade tecnológica em sua pauta de exportações, com declínio da exportação de produtos industriais (sobretudo aqueles com maior valor agregado) e um crescente aumento das exportações de *commodities*. Os dados evidenciam que o Brasil continua a manter sua dependência histórica dos produtos primários. O problema central não reside em produzir e exportar volumes substanciais de commodities agrícolas, mas o fato dessa especialização produtiva inviabilizar o direcionamento de esforços no sentido de uma forte industrialização no estado.

Sobre o estado de Goiás, percebe-se que o esforço industrializante levada a cabo nas últimas décadas tem surtido efeito no sentido de não ser possível inferir que está ocorrendo o fenômeno da desindustrialização na economia goiana, destoando do comportamento do Brasil. Em relação à pauta de exportações, não se pode falar em reprimarização em termos de economia goiana, uma vez que o estado, ao longo de sua história, não foi capaz de realizar modificações estruturais suficientes para redirecionar o centro de sua economia para dentro.

Contudo, é relevante destacar que a estratégia de desenvolvimento adotada em Goiás se deu no sentido de atrair empreendimentos industriais a partir, sobretudo, de incentivos fiscais. O que se mostrou eficiente para alavancar o crescimento econômico do estado e a melhoria de alguns indicadores sociais, mas não possibilitou o desenvolvimento

homogêneo do estado, uma vez que ainda convive com sérios problemas como forte concentração espacial da atividade produtiva e elevada concentração de renda.

Referências

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. The Dutch disease and its neutralization: a Ricardian approach. **Revista de Economia Política**. v. 28, n.1 (109), p. 47-71, Jan./Mar. 2008.

CANO, Wilson. A Desindustrialização no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, p. 831-851, 2012. Disponível em:
<www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=3235&tp=a>. Acesso em: 07 jul. 2014.

COUTO, Joaquim Miguel. O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 1 (29), p. 45-64, abr., 2007. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v16n1/a03v16n1.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

FURTADO, Celso. **Desenvolvimento e Subdesenvolvimento**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1965.

PREBISCH, Raul. O Desenvolvimento da América Latina e seus principais problemas. In: **Desarrollo Económico**, v. 26, n. 103. Out. - Dez. 1986), p. 479-502, 1949. Disponível em:
<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/2443/1767>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

SANTOS, Fábio Pádua dos. O enfoque histórico-estrutural e a crítica relegada. Florianópolis: **Textos de Economia**, v. 14, p. 51-81, 2011. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2011v14n1p51/21682>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

SOUZA, Nali de Jesus de. Desindustrialização e Leis de Kaldor: Evolução da Produtividade Industrial do Brasil, 1980/2008. Salvador: **Revista de Desenvolvimento Econômico**, ano XI, n. 19, jan. 2009. Disponível em:
<<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/1050/828>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

TREGENNA, Fiona. Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. **Cambridge Journal of Economics**, Vol 33, p. 433-466, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10.1093/cje/ben032>> .
Acesso em: 10 jan. 2015.